

O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler
Bacharel em Psicologia pela UNESC.
E-mail: diazsoler@gmail.com

Resumo

O presente artigo corresponde ao estudo teórico sobre a ética do cuidado de si em Michel Foucault. Na realidade, trata-se de uma minuciosa análise do cuidado de si do seu esplendor, ou seja, os dois primeiros séculos de nossa era. De acordo com Foucault, nesse período histórico houve uma profusão do que ele chama de “*práticas de si*” presentes em diversas prescrições elaboradas por pensadores como Sêneca e Marco Aurélio. Do diagnóstico histórico dessas práticas de si, o artigo dedica suas reflexões à tentativa de situar as ressonâncias desse cuidado na contemporaneidade, particularmente na experiência histórica e ontológica da amizade como modo de vida. Com base na bibliografia consultada, podemos afirmar ser necessário romper com o conceito de subjetividade pautado na abstração, em defesa de uma ética do sujeito respaldada em valores concretos, permitindo, assim, que criemos rotas de fuga, permitindo-nos novos modos de viver e pensar a nós mesmos.

Palavras-chave: Ética. Subjetividade. Michel Foucault. Cuidado de Si.

THE CARE OF THE SELF IN MICHEL FOUCAULT

Abstract

This article corresponds to the theoretical study on the care of the self ethics in Michel Foucault. In fact, it is a holding it ethical conduct from a thorough analysis of the care of the self ethics from its splendour, in the first two centuries of our era. According to Foucault, during this period there was a wealth of history that Foucault calls present self practices in various requirements drawn up by thinkers as Seneca and Marcus Aurelius, for example. From diagnosis history of those practices our article dedicates its deliberations in an attempt to place the presences of the care of the self in today from the historical experience and ontological expression of friendship as way of life. Based in the bibliography consulted we can say that we will break with the concept of subjectivity brought in abstraction, in defence of an ethical subject backed concrete values, and thus create outflow routes immediately re-posting new modes of living and thinking about ourselves.

Keywords: Ethic. Subjectivity. Michel Foucault. Care of the Self.

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Gilles Deleuze (1976) definia a genealogia como um método de crítica por excelência dos valores morais. Através do método genealógico, consegue-se reconhecer onde há valores nobres e onde há valores servís. A tarefa da genealogia seria, então, a de analisar a conjuntura das relações de poder que propiciam o aparecimento de toda moral. Esta perspectiva rompe com a compreensão de mundo apresentada pela metafísica cristã, por exemplo, no que diz respeito à universalização da verdade, e que encontra em Nietzsche (2005) sua melhor definição e crítica ao afirmar que todas as virtudes e vícios, isto é, todos os valores são apenas “humanos, demasiadamente humanos”. Isto significa que não só as formas de valorar, mas toda e qualquer espécie de saber é construída pelo homem e diz respeito a ele mesmo. Prado Filho (1998) nos leva a pensar criticamente, com Foucault, que a modernidade é a *idade do homem*, isto é, neste momento histórico, precisamente, toda e qualquer espécie de conhecimento diz respeito ao sujeito, dirigindo-se a ele de um modo tão intenso como jamais foi observado antes.

Desta forma, assim como um arqueólogo parte de cada fragmento para unir, criar e analisar artefatos históricos que até então permaneciam ocultos ou que passavam despercebidos ao olhar de todos, Foucault, através de estudos que focam instituições prisionais, manicomiais, científicas, políticas, bem como os mecanismos de coerção presentes na esfera micro, no dia-a-dia do sujeito, submetido a diversas práticas, soube com acuidade problematizar nossa sociedade. É o que se pode verificar ao se revisitar alguns de seus textos como *O Nascimento da Clínica* (FOUCAULT, 2008a) ou *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 2007), nos quais é possível recolher os indicativos de uma crítica em relação ao estatuto do sujeito transcendental enquanto figura emergente da filosofia antropológica de Kant. A arqueologia pensada por Foucault situa, em detrimento a esse sujeito transcendental, a existência do sujeito do enunciado como aquele que é atingido e objetivado por jogos de discurso. Da mesma maneira, *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1987), nos seus múltiplos recortes de análises, apresenta uma genealogia do indivíduo moderno, produzido por uma complexa malha de poder que se alastra por capilaridade aos mais variados dispositivos disciplinares, de vigilância e de controle.

O próprio Foucault (1995a) admite que ao longo de sua trajetória intelectual se preocupara em construir não uma história somente das instituições, nem do poder, mas de problematizar o sujeito ao longo dos diversos períodos históricos. Trata-se de um percurso

que invoca um questionamento do tempo presente no sentido de se debruçar sobre uma ontologia histórica de nós mesmos, com o compromisso, não de procurar descobrir o que somos, mas de recusarmos aquilo que nos tornamos.

No início dos anos 80, os trabalhos foucaultianos abrem outro campo de deslocamento, situado, ou melhor, referendado por uma perspectiva ética cujo principal objetivo era a produção de subjetividade a partir da relação do sujeito consigo mesmo. Não obstante, não se deve enxergar nesse deslocamento analítico um movimento de reivindicação, ou mesmo uma tentativa, por parte de Foucault, de retomar o tema do sujeito por ele rechaçado em estudos anteriores. Na opinião de Ortega (1999), houve uma transposição metodológica dos estudos sobre os dispositivos disciplinares para a investigação em torno dos processos de subjetivação. Transposição que se assemelha a um *des-dobramento*, uma vez que a analítica do poder passa a ser pensada não mais no campo da sujeição somente, mas também das noções de governo, ou de práticas de si, por exemplo. Foucault (1995b) esboça, nesse instante, uma *Genealogia Ética da Sociedade Ocidental*, que vai da antigüidade grega à cultura romana e cristã, e daí até os primórdios da era moderna.

O presente artigo pretende estudar um desses momentos de análise “arqueológica” de Michel Foucault, mais precisamente a ética do cuidado de si. Trata-se de abrir um corte preciso nesse campo de investigação minuciosa, tomando como referência um desses momentos do cuidado de si num momento de *esplendor* da cultura romana, ou seja, nos dois primeiros séculos da nossa era.

Para tanto, valem-nos da análise de alguns temas presentes no terceiro volume da *História da Sexualidade – O Cuidado de Si* (FOUCAULT, 1985), assim como de outros textos que tratam da temática. Valem-nos, ainda, da leitura de livros e artigos de outros pensadores que nos auxiliam na compreensão do pensamento foucaultiano, correlacionando suas considerações com as nossas acerca da ressonância da ética do cuidado de si na contemporaneidade, discutindo e problematizando as (des)implicações dessa ética nos dias de hoje.

RESSONÂNCIAS DO CUIDADO DE SI NA CONTEMPORANEIDADE: POR UMA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E ONTOLÓGICA DA AMIZADE ENQUANTO FORÇA PRODUTORA DE SUBJETIVIDADES

Segundo Foucault (1985), os dois primeiros séculos de nossa era representaram uma *época de ouro* para a cultura de si, pois, justamente nesse período, houve um reforço por parte de escolas filosóficas, como o estoicismo, na elaboração de reflexões em torno da conduta sexual dos sujeitos sob o enfoque da austeridade. Autores como Sêneca e Marco Aurélio, por exemplo, desenvolveram uma série de prescrições no que diz respeito à preocupação do sujeito em relação a si mesmo.

Regras que diziam respeito à escrita de si, ao exame de consciência, aos procedimentos de aprovação, e uma constante intensificação da vigilância em torno da conduta do sujeito, acabaram por transformar a cultura de si num elemento de diversas práticas sociais.

Foi também nesse período que os médicos começaram a se preocupar com a maneira adequada de praticar o ato sexual; preferiam, muitas vezes, prescrever regimes de abstinência sexual ao sujeito, com o intuito de fortalecer um corpo dócil e passivo demais diante dos mais diversos males.

Esta medicina romana se encontrava, em termos de equivalência, no mesmo nível de outros saberes, como a filosofia e a retórica. Na realidade, segundo Foucault (1985), ela era considerada como um tipo elevado de prática cultural e de interesse público. Prova disso seria o fato de importantes oradores possuírem, na época imperial, formação em medicina.

É importante lembrar que a medicina romana não se assemelhava à medicina moderna, já que os conselhos não eram de caráter restritivo, mas prescritivo a respeito da conduta sexual do sujeito. Quer dizer, ainda estamos longe do desenvolvimento da *scientia sexualis*, ou seja, da urgência biológica e histórica de discursos normativos relativos aos dispositivos da sexualidade, como acontecerá séculos depois na Europa (FOUCAULT, 1977).

Todavia, emergiu em Roma um discurso de patologização referente aos atos sexuais, comparando-os com as mais diversas doenças, como a epilepsia, por exemplo, exigindo, portanto, uma forte disciplina por parte do sujeito no que dissesse respeito ao controle de seus instintos, com a justificativa da preservação, tanto do corpo físico quanto da alma.

Da mesma forma, os moralistas romanos passaram a não enxergar com bons olhos as relações fora do casamento, dando preferência a que os esposos exercessem a fidelidade de maneira simétrica, estabelecendo uma estilística pautada na arte da conjugalidade.

O homem passou a dividir com a sua companheira uma série de responsabilidades que traziam harmonia ao casal. Outro ponto importante dessa arte conjugal foi o fato da criação de um discurso por parte dos moralistas romanos sobre o casamento enquanto necessidade natural do sujeito, pois, se havia na natureza dois sexos diferentes, era porque eles haviam sido criados com a necessidade de se unir e procriar.

Estas são algumas questões que aparecem em *O Cuidado de si* (FOUCAULT, 1985), apresentadas neste trabalho com o intuito de traçar uma análise em torno da cultura romano-estóica.

No entanto, objetivando esboçar um possível rascunho das ressonâncias da ética do cuidado de si na contemporaneidade, cabe aqui levantar uma pergunta que julgamos ser pertinente: por que Foucault recorreu aos antigos para estabelecer uma história da sexualidade?

Bem, para elucidarmos tal questionamento, em primeiro lugar se faz necessário entendermos o que Foucault entende por sexualidade.

Na introdução de *O uso dos Prazeres* (FOUCAULT, 1984), ele afirma que tal conceito é recente, datado do século XIX. Seu uso, ao longo dos anos, foi sendo relacionado a diversas áreas do conhecimento e à instauração de um complexo e amplo conjunto de normas que se exerceram tanto no aparato judicial, quanto no pedagógico e no médico. A sexualidade não seria, portanto, algo natural, mas um dispositivo criado em um momento histórico específico – no caso, entre os séculos XVII e XIX – e presente única e exclusivamente no Ocidente.

Registrada esta constatação, Foucault (1984) procurou construir uma história da sexualidade a partir de um estudo das práticas e condutas sexuais conforme suas continuidades e descontinuidades na sociedade ocidental.

O propósito era “[...] inicialmente de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de “sexualidade”: tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada” (FOUCAULT, 1984, p. 14).

Tratava-se, portanto, de investigar de que maneira na sociedade moderna o dispositivo da sexualidade constituía os saberes pelos quais os sujeitos eram levados a se reconhecerem enquanto indivíduos a partir de sua sexualidade.

A questão assim formulada foi bastante importante para que Foucault (1977) elaborasse o primeiro volume dessa história da sexualidade, - no caso, a *Vontade de Saber* –, em que foi objeto de análise a formação dos saberes que se referiam à sexualidade, os sistemas de poder que regulavam sua prática e a maneira pela qual nós, indivíduos, nos reconhecemos, por meio da sexualidade, como sujeitos.

Não obstante, algumas modificações se faziam necessárias. Por isso, na introdução de *O Uso dos Prazeres* Foucault (1984, p, 10) escreveu:

Ora, sobre os dois primeiros pontos, o trabalho que empreendi anteriormente – seja a propósito da medicina e da psiquiatria, seja a propósito do poder punitivo e das práticas disciplinares – deu-me os instrumentos dos quais necessitava; a análise das práticas discursivas permitia seguir a formação dos saberes escapando ao dilema entre ciência e ideologia; a análise das relações de poder e suas tecnologias permitia focalizá-los como estratégias abertas, escapando à alternativa entre um poder concebido como dominação ou denunciado como simulacro. Em compensação, o estudo dos modos pelos quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos sexuais me colocava dificuldades bem maiores.

Vemos, nesse texto, a abertura de uma nova possibilidade de análise sobre a sexualidade que ultrapassava as estratégias de saber–poder que atravessavam o sujeito.

Era necessário, então, traçar uma análise que passava necessariamente pela compreensão do que tinha sido o sujeito em diferentes épocas históricas e as maneiras pelas quais ele exercia as relações de si para consigo mesmo.

Em suma, era necessário fazer o seguinte questionamento: que jogos permitem ao homem se afirmar enquanto sujeito em diferentes períodos históricos?

Escreveu Foucault (1984, p, 11): “[...] Pareceu-me que, colocando assim a questão e tentando elaborá-la a propósito de um período tão afastado de meus horizontes, outrora familiares, abandonava, sem dúvida, o plano pretendido, mas estaria mais próximo da interrogação que desde há muito tempo me esforço em colocar”.

Como afirmado anteriormente, o tema da subjetividade sempre foi um importante objeto de análise de Michel Foucault, que começou por problematizar o modo como o sujeito se constituía e era atravessado pelos jogos de verdade.

Nos seus últimos anos de vida, trabalhos como os dois volumes da História da Sexualidade, ou mesmo os cursos proferidos no *Collège de France*, buscavam interpretar essa relação do sujeito com os jogos de verdade a partir de um minucioso estudo da ética do cuidado de si, muito comum na Grécia e na Roma Antiga.

Era necessário saber sobre os jogos de verdade que se firmavam em exercícios que o indivíduo fazia sobre si mesmo, tendo como objetivo final atingir um modo de ser ideal.

Está explicado, portanto, o plano que originou seus estudos em torno do *Uso dos Prazeres* e do *Cuidado de Si*. Foucault (1984, 1985), consultando livros prescritivos de filósofos antigos, traçou uma análise sobre a questão dos sujeitos, tanto na Grécia clássica,

quanto em Roma. Sobre essa suposta modificação do plano de análise da história da sexualidade, escreveu Billouet (2003) que depois que Foucault analisou como o homem moderno se reconhecia enquanto sujeito no livro *A vontade de Saber* (FOUCAULT, 1977), restou-lhe perguntar como o sujeito foi levado ao longo dos anos a dar atenção a si mesmo. Era preciso, por isso e de maneira enfática, saber o que é o sujeito e como este se reconhece no mundo em que vive.

Os textos de filósofos como Sêneca ou Epicteto continham uma série de prescrições que diziam respeito ao modo de viver. Eram de natureza significativamente ética, pois entendiam estes mestres que o cuidado de si tinha como função primeira a necessidade de fazer com que o sujeito exercesse sua liberdade individual pensada a partir das técnicas de si.

No mundo romano, só era possível cuidar de si mesmo se fosse cumprida uma série de regras e condutas que se apresentavam como verdades para o sujeito.

É por isso que Foucault (2004a), em uma de suas entrevistas, relatou que o cuidado de si era uma prática ética exercida no âmbito da racionalidade, pois o sujeito só poderia exercitar os ensinamentos delimitados pelos romanos mediante uma intensa memorização e uma forte dedicação ao cumprimento dessas verdades. Para os romanos, o indivíduo, ao ocupar-se de si mesmo, estava exercendo sua liberdade, porque cuidar de si significava saber superar todos os instintos que poderiam prejudicar-lhe a existência.

Vê-se, assim, que essa ética romana do cuidado de si dava à liberdade individual um papel muito importante. Não obstante, não se deve enxergar em tal ética um individualismo exacerbado, pois o exercício de si implicava a responsabilidade do sujeito para com os outros, e essa responsabilidade, por sua vez, passava por mecanismos não-repressivos de poder, como o diálogo e a persuasão.

Podemos observar que:

O *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente, seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim o problema das relações com os outros está presente ao longo do desenvolvimento do cuidado de si (Foucault, 2004a, p. 271).

Outro ponto importante merece destaque dentro desse modelo de ética do cuidado de si. Para os estóicos, o ato do sujeito de cuidar de si mesmo estava intrinsecamente ligado ao

fato de ele ser sempre centrado, devendo viver a vida como senhor de si, não se deixando contaminar por instintos, mas por sua racionalidade. Ser senhor de si significava aprender a se dominar e exercitar sempre os conselhos prescritos pelos pensadores romanos, indicando também a necessidade de exercer a liberdade de maneira racional, para que assim pudesse entrar em contato com sua própria essência.

Recorrendo aos textos clássicos, Foucault procurou problematizar a idéia que se tinha sobre a ética na sociedade ocidental. Recorria à filosofia antiga para lançar uma crítica à idéia de subjetividade presente nos dispositivos de subjetivação da modernidade.

Escolas filosóficas como o estoicismo, ou o epicurismo, por exemplo, pregavam a afirmação de si o domínio do próprio destino, ao passo que a compreensão moderna sobre subjetividade produz um sujeito preso a valores de cunho científico, político e ideológico que se impõem como valores a-históricos. Podemos afirmar que a ética do cuidado de si pregada pelos romanos, de acordo com Foucault (1985), era uma prática da liberdade, exercida na maneira como o sujeito experienciava sua relação consigo mesmo, mediante o controle racional de todos os seus instintos.

Este caminho aberto por Foucault em relação à ética do cuidado de si implica não o vislumbamento de uma realidade longínqua, mas a indicação das condições de possibilidade da construção de um mosaico, uma bricolagem sobre as relações do sujeito consigo mesmo na contemporaneidade, não no sentido de se procurar nesses conjuntos de textos prescritivos por receituários éticos e políticos para nossa atitude cotidiana, mas para focalizarmos o nosso ponto de singularidade e de diferenciação. O que equivale a dizer que o ensinamento presente em todo esse conjunto de prescrições abre a possibilidade, para nós, sujeitos da modernidade, de experienciar a vida tomando-a não como contemplação, mas como uma estética da existência. Neste sentido, o convite realizado por Foucault, na opinião de Ortega (1999), seria o de encararmos a vida como um escândalo da verdade.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Cardoso Júnior e Canonenco Naldinho (2009) argumentam que, sendo a subjetividade um processo debitário das experiências éticas e da relação do sujeito consigo mesmo, as estratégias de enfrentamento presentes no cuidado de si contemporâneo passam a se manifestar nas lutas transversais encabeçadas por grupos historicamente marginalizados, que empreendem a contestação dos estatutos das identidades. Tais lutas possuem a finalidade de fazer o sujeito realizar um trabalho de si sobre si mesmo, uma *ascese* que lhe confere a possibilidade de transformação tanto do pensar quanto do agir.

Recolhendo alguns vestígios nos últimos trabalhos de Foucault, podemos desenhar parte dessas experiências éticas que registram a existência de um cuidado de si

contemporâneo. Um desses textos é uma entrevista concedida ao jornal francês *Gai Pied*, intitulada *De l'amitié comme mode de vie* (FOUCAULT, 2008b), na qual Foucault indica a possibilidade de a amizade ser um dos múltiplos instrumentos na propagação de uma conduta ético-política ao criar novas formas de existência. A amizade seria um braço do cuidado de si, elencada na relação agonística entre os sujeitos para além dos mecanismos de dispositivos disciplinares e dos processos de subjetivação.

A experiência histórica e ontológica de uma ética da amizade, enquanto força produtora de subjetividades, sofre também uma profunda ressignificação conceitual nos dias de hoje. Ou seja, a amizade, segundo Foucault (2008b), encontra seu ponto de ancoragem numa prática política que pode ser encontrada tanto nas formas do prazer, quanto nas formas da afetividade. Nesse contexto, portanto, a dinâmica diacrônica da amizade acarreta um desprendimento por parte do sujeito no que se refere às relações sociais preestabelecidas, em detrimento do convívio relacional no qual a existência se cria e recria constantemente.

E qual seria, atualmente, o grupo social que inventa para si essa experiência ética da amizade com maior intensidade? A resposta, não-conclusiva a esse questionamento, recai sobre a conduta política da homossexualidade, através do movimento de práticas de intensificação do prazer dos que transgridem o padrão acatado pela sociedade em geral. O que é importante assinalar, nesse conjunto de práticas e experiências de si, como o sado-masiquismo ou o *barebacking*¹, por exemplo, é a intensificação da correlação entre amizade e prazer, potencializando o enfrentamento das malhas do poder.

Ampliando o debate em torno dessa temática e pensando a amizade como ferramenta política de enfrentamento dos processos de normalização, é que se poderá enxergar nessas atitudes a proveniência de uma *ascese* referendada em uma prática de liberdade relacional.

¹ Este conceito, proveniente da língua inglesa, é um termo utilizado para descrever os atos sexuais nos quais se abre mão espontaneamente da utilização do preservativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault (2004b), num de seus cursos no *Collège de France*, defendia a necessidade de se construir uma história do pensamento a partir da problematização de um dado acontecimento histórico que, nos dias de hoje, se reflete no modo de ser do sujeito. Era preciso questionar e problematizar o que se conhecia por ética do sujeito até então nas ciências humanas, que girava em torno de uma linearidade que surge com os gregos, passa pelos primórdios do cristianismo e atinge seu apogeu na modernidade. Vale dizer, então, que a noção ética de indivíduo, numa perspectiva clássica, se apresentava como uma teleologia.

Trata-se, portanto, de reinterrogar a história, trazendo-a para o hoje, pensando todas as espécies de práticas sociais, mecanismos de poder e estratégias de saber pelos quais somos atravessados, para que assim, segundo Prado Filho (1998), possamos criar uma condição que nos torne capazes de transgredir as normas, recolocando novos modos de viver e de pensar o mundo e nós mesmos.

Ainda de acordo com Prado Filho (1998), é necessário romper com um conceito de subjetividade ética marcada pela abstração, em defesa de uma ética respaldada em valores concretos que nos tornem sujeitos.

É preciso estabelecer novas regras que privilegiem a prática de si no exercício da liberdade, capaz de fazer com que rompamos com a idéia que se tem de sujeito e subjetividade tendo por base uma lógica presente nos processos de subjetivação na atualidade.

O sujeito necessita ser visto como uma produção histórica, atravessado por complexas relações de força e poder, que se apresentam sob diferentes perspectivas, intimamente ligadas aos jogos de verdade, mas que nos permitem criar rotas de fuga e subterfúgios.

Um desses subterfúgios seria a invenção do que Foucault (2004a) chama de *Práticas de liberdade*, ao se referir à possibilidade do indivíduo de inventar para si novos modos de existência, experienciando a vida como uma obra de arte, enfrentando os modos de assujeitamento pelos quais ele é interpelado. Nesse contexto, a liberdade, pensada como prática, ganha contornos de resistência e de recusa necessárias aos jogos de identidade, em detrimento do arenoso terreno das infames políticas de (des)subjetivação.

REFERÊNCIAS

BILLOUET, Pierre. **Foucault**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. CANONENCO NALDINHO, Thiago. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. **Fractal Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, V. 21, n. 1, Abril de 2009. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 06/08/2009.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão de trabalho. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

_____. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. *De l'amitié comme mode de vie*. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits II**. Paris: Quarto Gallimard, 2008b.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres – Primeiro Volume (1878). In: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PRADO FILHO, Kleber. **Trajetórias para a leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault.** Florianópolis, 1998. 284f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1998.

Recebido em: 11/06/2008
Aprovado em: 22/08/2009